

UTILIZAÇÃO DE MEDICAMENTOS POR IDOSOS: UMA REFLEXÃO PARA AS AÇÕES EDUCATIVAS EM SAÚDE

Edilson Muniz Venceslau (1); Jardely Karoliny dos Santos Silva (2); Isolda Maria Barros Torquato (3)

Universidade Federal de Campina Grande – edilson_muniz87@hotmail.com; Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – jardelykaroliny@gmail.com; Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – isoldaufcg@gmail.com

INTRODUÇÃO

O envelhecimento humano consiste em uma experiência diversificada, para a qual concorre uma multiplicidade de fatores de ordem genética, biológica, social, ambiental, psicológica e cultural (FREITAS et al., 2011). Trata-se de um processo progressivo e universal cuja velocidade tem se intensificado nos últimos anos, especialmente entre os países em desenvolvimento, inclusive o Brasil (MINAYO, 2012).

O crescimento exponencial da população idosa é reflexo da redução da fecundidade, aumento da expectativa de vida, bem como de melhores condições de vida e utilização de novas técnicas diagnósticas e métodos terapêuticos que oportunizam a este público melhores condições de atenção à saúde (BUENO et al., 2009).

Atrelado ao crescimento de idosos evidencia-se uma elevação equivalente na farmacoepidemiologia, reflexo da transição epidemiológica, em que as enfermidades infecto-parasitárias coexiste com a elevação da prevalência de doenças crônico-degenerativas em indivíduos a partir dos 60 anos (GUIMARÃES; MOURA, 2012). Conforme Flores e Benvegnú (2008), estudos populacionais evidenciam que, a utilização de fórmulas alopáticas entre os idosos vêm crescendo significativamente, sendo considerado o grupo etário mais medicalizado na sociedade atual.

Para Pizzol et al., (2012), esta prevalência é maior principalmente em idosos da zona urbana, possivelmente devido ao acesso mais fácil aos serviços de saúde, o que proporcionará um maior

número de diagnósticos de doenças crônicas e conseqüentemente um elevado aumento do consumo de medicamentos.

Considerando que o processo de medicalização observada entre os idosos vêm demonstrando um crescimento significativo nos últimos anos e que atrelado a ele incorre o risco de efeitos indesejáveis por uso incorreto, torna-se fundamental a realização de inquéritos populacionais para a obtenção de informações sobre a utilização de medicamentos neste grupo de indivíduos, a fim de obter subsídios para o planejamento e implementação de ações em saúde destinadas a utilização correta de medicamentos. Neste contexto, justifica-se a realização deste estudo com o intuito de entender melhor esse panorama e suas conseqüências do ponto de vista da saúde pública no município de Cuité – PB.

O objetivo do presente trabalho é avaliar a utilização de medicamentos por idosos residentes na zona urbana do município de Cuité – PB, de acordo com os aspectos sociodemográfico e clínico, com a classificação dos medicamentos, identificação da polifarmácia e automedicação dos idosos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, exploratório-descritivo, observacional e de abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada no município de Cuité – PB, especificamente na rede Estratégia Saúde da Família (ESF), a qual contempla cinco Unidades de Saúde da Família (USF) na zona urbana a saber: USF Abílio Chacon; USF Ezequias Venâncio; USF Luiza Dantas de Medeiros; USF Diomedes Lucas de Carvalho e USF Raimunda Domingos de Moura.

Participaram da pesquisa 100 idosos da ESF, sendo 20 idosos de cada uma das unidades mencionadas. A seleção dos participantes ocorreu de forma aleatória a partir de prontuários disponibilizados pelas equipes de cada USF, visto que trata-se de uma pesquisa não-probabilística. Entretanto, para melhor homogeneidade do grupo pesquisado foram estabelecidos os critérios de inclusão que envolvem: Idoso cadastrado na Unidade de Saúde da Família; Idoso de ambos os sexo e que esteja fazendo uso de pelo menos um tipo de medicação regular; foram excluídos da pesquisa: Idoso com transtorno mental; Idoso com deficiência visual e/ou auditiva; Idoso com déficit de comunicação verbal e aqueles que se recusem em participar da pesquisa.

A pesquisa foi formalizada e iniciada após submissão e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa sugerido e designado pela Plataforma Brasil conforme exigências estabelecidas

pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que norteia a prática de pesquisa com seres humanos.

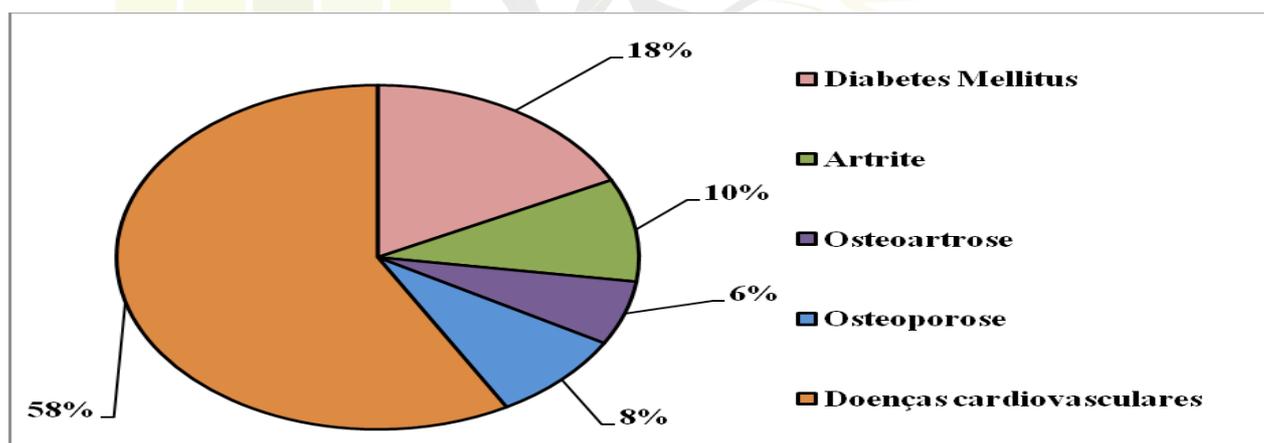
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram deste estudo 100 idosos assistidos na rede Estratégia Saúde da Família da zona urbana localizado no município de Cuité – PB. A faixa etária das participantes variou de 60 a 80 anos ou mais, sendo a maioria do sexo feminino (71%), raça branca (56%), casados e viúvos (36%), apresentando até de oito anos de estudos (89%) e com renda familiar até um salário mínimo. A maioria deles reside com familiares (43%) ou companheiro (a) (29%).

Quanto à prevalência de doenças crônicas no grupo pesquisado constatou-se que 58% dos idosos apresentam no mínimo três tipos diferentes de afecções crônicas. Dais quais as mais prevalentes foram as doenças cardiovasculares (58%), Diabetes *Mellitus* (18%) e a Artrite reumatóide (10%).

Neste contexto, quanto maior o número de doenças diagnosticadas pelo médico, maiores serão as necessidades de utilização de combinações medicamentosas e, conseqüentemente, mais prováveis as interações entre os fármacos.

Gráfico 1: Distribuição de idosos quanto a presença de doenças crônicas. Brasil. Paraíba. Cuité, 2014.



Fonte: (Dados da pesquisa, Cuité, 2014).

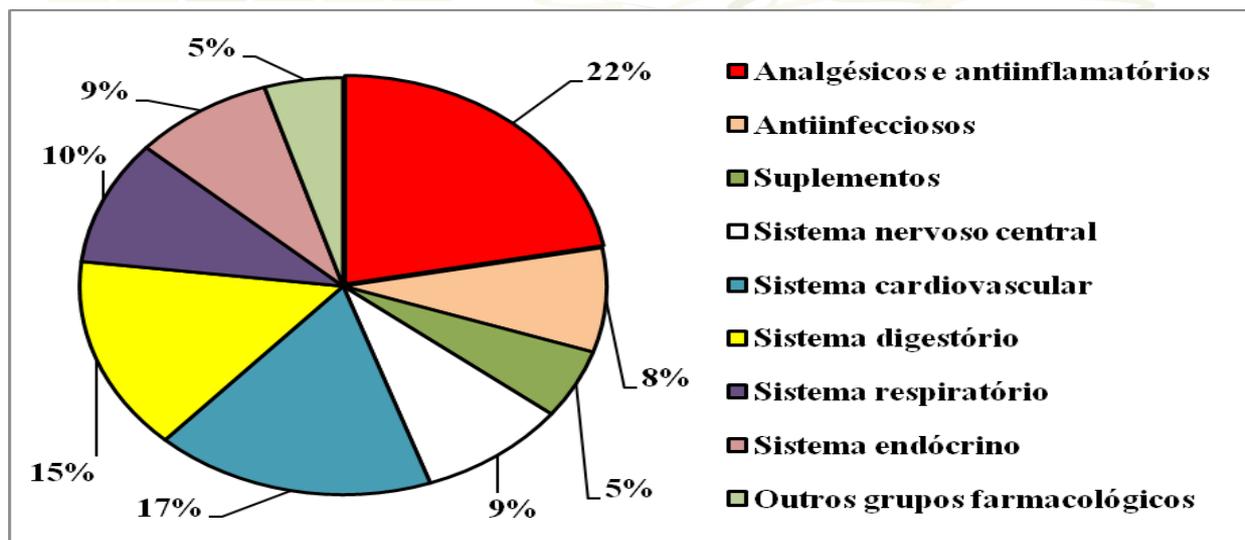
A partir da prevalência de algumas doenças evidenciadas e analisadas na variável anterior é compreensível que haja a predominância de consumo de algumas classes de medicamentos pela amostra em questão, a exemplo dos anti-inflamatórios e analgésicos (22%) e aqueles relacionados

ao sistema cardiovascular (17%). Outra classe de medicamento bastante mencionada pelos idosos remeteu-se ao sistema digestório (15%).

O uso de anti-inflamatórios, especificamente os não esteroidais (AINEs) constituem atualmente a classe de medicamentos mais comumente prescrita no mundo todo, devido aos seus efeitos analgésicos e anti-inflamatórios. No entanto, os AINEs também podem induzir uma variedade de alterações deletérias na função renal, especialmente naqueles pacientes que já têm a perfusão sanguínea renal diminuída e nos que fazem uso prolongado dessas drogas, tornando o rim o segundo órgão mais afetado pelos efeitos adversos desses fármacos (MELGAÇO et al., 2010).

Diante do exposto é necessário que a prescrição deste tipo de droga seja criteriosa, especialmente nos grupos de alto risco a exemplo dos diabéticos, hipertensos e idosos que comumente apresentam uma grande predisposição a desenvolverem estas doenças e consequentemente aumentando risco a saúde.

Gráfico 2: Classificação de medicamentos mais utilizados pelos idosos. Brasil. Paraíba. Cuité, 2014.



Fonte: (Dados da pesquisa, Cuité, 2014).

De acordo com Silva et al., (2012), uma das justificativa para a ocorrência da polifarmácia entre a população idosa evidenciada na maioria das pesquisas associam este evento com a presença de doenças crônico degenerativas, as quais são bastante comuns neste grupo etário. Essa situação induz a condição de uma maior utilização da medicina alopática construída de forma emblemática em cima dos fármacos e isso colabora para a erradicação de qualquer meio terapêutico que não seja

o farmacológico. Além disso, características do médico e do paciente também podem influenciar para a ocorrência da polifarmácia.

No que concerne à predominância da medicalização e da polifarmácia na área urbana pode estar relacionada à maior facilidade de acesso aos serviços de saúde, o que leva a maior diagnóstico de doenças crônicas e conseqüentemente, maiores números de medicamentos prescritos.

Do ponto de vista dos medicamentos consumidos pela população idosa, em análise, constatou-se que 59% destes fármacos são utilizados sob o critério de prescrição médica enquanto 41% são consumidos sem qualquer tipo de orientação ou supervisão de um profissional habilitado.

Esses e outros resultados evidenciam o risco a que está exposta a população em relação à automedicação, visto que, apesar da maioria estar fazendo uso de medicamentos sob orientação médica um percentual significativo dos idosos entrevistados utilizam medicamentos de forma empírica, ou seja, sob decisão própria (28%) ou influencia de terceiros (18%).

Galato, Silva e Tibúcio (2010), correlacionam a ocorrência frequente de sintomatologias adversas provocadas pela automedicação devido as alterações farmacocinéticas e dinâmicas comumente relacionadas as alterações fisiológicas do corpo humano em processo de envelhecimento. Uma dessas alterações remete-se a uma menor quantidade hídrica assim como a uma atividade hepática mais lenta, resultando na dificuldade de excreção das drogas e no acúmulo de toxinas que acarretam efeitos adversos cada vez mais fortes devido à combinação desses fatores..

CONCLUSÕES

Desse modo, os resultados apresentados demonstram a necessidade dos profissionais de saúde, principalmente dos médicos, farmacêuticos e enfermeiros em contribuir para a promoção do uso racional dos medicamentos, especialmente no que concerne à prática da automedicação, aprazamento, permuta, inserção e suspensão de medicamentos a fim de evitar desfechos negativos no que concerne ao uso de medicamentos (SECOLI et al., 2010).

Conforme Oliveira et al., (2012), apesar do farmacêutico ser considerado o profissional mais capacitado para suprir as dúvidas e prevenir os idosos quanto as práticas errôneas e uso racional de medicamentos Baldoni e Pereira (2010), enfocam que essa responsabilidade cabe a qualquer profissional da saúde e que esforços coletivos podem otimizar essas iniciativas para que não apenas os idosos, mas familiares e cuidadores possam utilizar os medicamentos de forma segura

Em suma, é necessário o desenvolvimento de atividades que estejam ligadas com a educação em saúde com o uso racional dos medicamentos, para que de fato, se tenha uma orientação maior acerca dos riscos da automedicação, principalmente para a população idosa. A orientação sobre cada medicamento prescrito também é indispensável, tendo em vista a melhor compreensão do paciente sobre a substância que está sendo ingerida e o que ela pode causar no seu organismo.

REFERÊNCIAS

BUENO, C. S.; OLIVEIRA, K. R.; BERLEZI, E. M.; EICKHOFF, H. M.; DALLEPIANE, L. B.; GIRARDON-PERLINI, N. M. O.; MAFALDA, A. Utilização de medicamentos e risco de interações medicamentosas em idosos atendidos pelo Programa de Atenção ao Idoso da Unijuí. *Rev Ciênc Farm Básica Apl.*, v. 30, n. 3, p. 331-8, 2009.

FLORES, L. M.; COLET, C. F. Riscos da polifarmácia em clientes idosos. In: Malagutti W, Bergo AMA. *Abordagem interdisciplinar do idoso*. Rio de Janeiro: Rubio; 2010. p. 291-302.

FLORES, V. B.; BENVENÚ, L. A. Perfil de utilização de medicamentos em idosos da zona urbana de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, p. 1439-1446, 2008.

FREITAS, E. V. de.; PY, L.; CANÇADO, F. A. X; DOLL, J.; GORZON, M. L. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 3 ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2011

GUIMARAES, P. L.; MOURA, C. S. Fatores associados ao uso de medicamentos impróprios de alto risco em pacientes idosos hospitalizados. *Rev Bras Farm Hosp Serv Saúde*. São Paulo, v.3 n.4, p. 15-19, 2012.

MINAYO, M. C. de S. O envelhecimento da população brasileira e os desafios para o setor saúde. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 208-209, 2012.

PIZZOL, T. da. S. D.; PONS, E. da S.; HUGO, F. N.; BOZZETTI, M. C.; SOUSA, M da L. R. de.; HILGERT, J. B. Uso de medicamentos entre idosos residentes em áreas urbanas e rurais de município no Sul do Brasil: um estudo de base populacional. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 104-14, 2012.